

O atual conflito entre os Estados Unidos da América e a Rússia: o passado e o presente da disputa de nacionalismo e soberania^(*)

The current conflict between the United States of America and Russia: the past and present of the dispute of nationalism and sovereignty

El conflicto actual entre los Estados Unidos de América y Rusia: el pasado y presente de la disputa del nacionalismo y la soberanía

Lais Teixeira Cunha¹

Marcelo Fernando Quiroga Obregón²

Sumário: Introdução. **1.** Breve histórico: heranças do czarismo russo e queda da URSS. **2.** Choque de culturas: guerra fria. **3.** Crise dos mísseis em cuba, Putin, Trump: como o passado refletiu no presente. **4.** Onda de conservadorismo: as relações diplomáticas são prejudicadas pelo senso de soberania nacional? – Considerações Finais. – Referências.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar como a defesa da soberania nacional de um país pode influenciar a sua relação com outras nações, neste estudo de caso, tratando-se do histórico conflito entre a Rússia e os Estados Unidos da América. Dessa forma, será feita um breve estudo do passado do conflito, chegando ao presente, e os recentes desdobramentos da situação. Para a confecção do presente trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas, e como base teórica, foram usadas obras de Orlando Figes. Alfredo Juan Guevara Martinez, Wanderley Messias da Costa, dentre outras. Por fim, analisará a recente onda de

(*) Recibido: 23/09/2019 | Aceptado: 04/05/2020 | Publicación en línea: 01/07/2020.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

¹ Graduada em Direito pela Faculdade de Direito de Vitória (FDV).

Lais_tcinha@hotmail.com

² Doutor em Direito .Direitos e Garantias Fundamentais na Faculdade de Direito de Vitória - FDV, Mestre em Direito Internacional e Comunitário pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Especialista em Política Internacional pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Graduado em Direito pela Universidade Federal do Espírito Santo, Coordenador Acadêmico do curso de especialização em Direito Marítimo e Portuário da Faculdade de Direito de Vitória - FDV -, Professor de Direito Internacional e Direito Marítimo e Portuário nos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Direito de Vitória - FDV.

mfqobregon@yahoo.com.br

nacionalismo que assola ambos os países e suas implicações principalmente no que diz respeito as relações diplomáticas entre os mesmos.

Palavras-chave: conflito, EUA, Rússia, Guerra fria, nacionalismo, diplomacia.

Abstract: This article aims to analyze how the defense of a country's national sovereignty can influence its relationship with other nations, in this case study, dealing with the historical conflict between Russia and the United States of America. In this way, a brief study will be made of the past conflict, reaching the present, and the recent developments of the situation. For the preparation of the present work, bibliographical researches were carried through, and as theoretical base, works of Orlando Figes were used. Alfredo Juan Guevara Martinez, Wanderley Messias da Costa, among others. Finally, it will analyze the recent wave of nationalism that is plaguing both countries and its implications, especially regarding diplomatic relations between them.

Keywords: Conflict, USA, Russia, Cold War, nationalism, diplomacy.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar cómo la defensa de la soberanía nacional de un país puede influir en su relación con otras naciones. En este estudio de caso, se trata el conflicto histórico entre Rusia y los Estados Unidos de América. De esta manera, se hará un breve estudio del conflicto pasado, llegando al presente y los desarrollos recientes de la situación. Para la preparación del presente trabajo, se realizaron investigaciones bibliográficas y, como base teórica, se utilizaron obras de Orlando Figes. Alfredo Juan Guevara Martínez, Wanderley Messias da Costa, entre otros. Finalmente, analizará la reciente ola de nacionalismo que está afectando a ambos países y sus implicaciones, especialmente con respecto a las relaciones diplomáticas entre ellos.

Palabras clave: conflicto, USA, Rusia, Guerra fría, nacionalismo, diplomacia.

Introdução

A relação estremeçada entre os americanos e os russos vem de uma longa data: países com histórias diametralmente opostas, com raízes em nada semelhantes, que levaram a inevitável formação de países com ideais distintos, culturas que não se comunicam. A partir disto não é de se estranhar que o histórico entre as duas nações seja de conflitos, tanto ideológicos, como políticos e culturais.

Esses conflitos se manifestam de diversas formas, uma delas na cultura, que é disseminada pelos americanos aos países consumidores de suas artes: em uma rápida procura em serviços de streaming é possível constatar que os norte-americanos não fazem questão de falar (bem) dos russos. São poucos os exemplares que mostram a cultura e história russa de forma imparcial. Isto porque, Hollywood historicamente fez questão de colocar os russos como vilões em diversas de suas obras.

Também temos acesso a informações de uma outra face desse conflito: a política (que envolve muitas vezes a militar). Somos bombardeados com notícias das peripécias diplomáticas dos chefes de estado dos dois países diariamente. Assistimos, muitas vezes atônitos, os conflitos de interesse e as manifestações de soberania nacional dos desafetos que na maioria das vezes envolve demonstração de poderio militar.

O presente artigo não tem a pretensão de escolher um lado da disputa, e sim analisar brevemente a história, o presente, e a relação do senso de soberania nacional com os embates que preocupam a comunidade internacional, tendo em vista o poderio militar das nações, o que poderia ocasionar uma nova ameaça nuclear em âmbito global.

1. Breve histórico: heranças do czarismo Russo e queda da URSS

A Rússia é um país de proporções continentais, e de cultura proporcionalmente vasta. Para iniciar esse tópico, alguns dados serão apresentados numa tentativa de dimensionar a grandeza desse país. Seus 144.000.000 (cento e quarenta e quatro milhões) de habitantes estão distribuídos nos mais de 17.000.000 (dezesete milhões) de quilômetros quadrados, sendo assim o país com maior área do mundo, mas ocupando o 209º lugar em densidade demográfica. Possui a sexta maior economia do planeta, com um IDH muito alto. Sua área é tão grande, que dentro de seu território se encontram os Montes Urais, uma antiga “fronteira” que demarca a divisão entre Europa e Ásia. Sua extensão vai das estepes cazaques, ao longo da fronteira norte do Cazaquistão até a costa do Oceano Atlântico

Esses dados por muitas vezes nos passam despercebidos pois a cultura ocidental não necessariamente nos apresenta a Rússia em todos os seus aspectos da mesma forma que nos apresenta outros países europeus e americanos. E isso se dá devido ao histórico geopolítico da Rússia (que será abordado nos próximos tópicos), que por diversas vezes fez escolhas políticas duvidosas, entrando em embates muito significantes do século XX que têm suas implicações sentidas até os dias de hoje.

Então, tendo isso em vista, nos parece pertinente trazer um brevíssimo panorama político recente da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Nas palavras de Ronald Grigor Sunny (2008, p.81),

os Estados que agem como impérios também se engajam na construção da nação (e vice-versa), mas que essas duas práticas estatais são contraditórias e dificilmente conciliáveis, uma tendendo a subverter a outra, o que conduz à erosão da estabilidade e legitimidade do Estado. Este argumento se consubstancia nas histórias da Rússia czarista e da União Soviética, e diz muito sobre os problemas da construção do Estado e da política externa da Federação Russa atual.

Com um forte senso de nacionalismo e busca de uma identidade nacional concreta, a Rússia passou por governos fortes, mudanças intensas. O Império Russo, que foi de uma monarquia absolutista (1721-1906) a uma monarquia constitucional (1907-1917) passou por um grande golpe no governo de Nicolau II. O jovem Czar demonstrou fraqueza e ingerência, ocasionando diversos desastres políticos em guerras, eventos governamentais, e enfraquecimento do apoio da elite russa, além do atraso tecnológico, o que culminou no assassinato da família real, em meio a revolução.

Após a revolução de 1917, o país eurasiático liderado por bolcheviques como Trotsky passou para as mãos de Lênin, que organizou a economia do país, que passaria a se chamar União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O sucessor de Lênin, Josef Stalin levou a URSS ao patamar de potência mundial.

Em 1953, Nikita Kruchev assume o poder e passa a expor a corrupção da era stalinista. Os governos posteriores não conseguiram lidar com a crise gerada, e uma onda de burocratização governamental levou a sucatação dos serviços públicos, além do atraso econômico, piorado pelos gastos com a corrida armamentista da Guerra Fria. Na década de 80, a tendência da crise sofreu uma reviravolta com os sinais otimistas do governo de Mikhail Gorbachev: o país buscou uma saída da Guerra Fria, e pediu apoio econômico a outras nações, contrariando os radicais soviéticos. Em 1991, o regime socialista foi colocado na ilegalidade. E a partir de 1999, Vladimir Putin pareceu colocar a Rússia nos trilhos para um futuro longe da crise.

O panorama apesar de curto frente a grandeza de detalhes da história de um país como a Rússia, possibilita a percepção de uma tendência na história Russa: fortes ondas de nacionalismo frente a um regime falido com liderança enfraquecida levam a uma nova forma de governo com um consistente senso de soberania nacional. Suny (2008, p.92) faz um didático paralelo entre a queda do império czarista russo com a posterior queda da URSS, trazendo um novo ingrediente a essa mistura: a tentativa de implementar práticas e costumes ocidentais, conforme vemos a seguir

Como na queda do czarismo, também na derrocada soviética, o nacionalismo não foi a causa primária do colapso do sistema. A erosão do poder central, dependente como era da coesão da elite e da crença no direito de usar o poder para manter a ordem (a evaporação da vontade e da confiança política), precipitou as forças centrífugas que desagregaram a URSS em novos Estados. Até o golpe de agosto de 1991, as forças centrípetas mantiveram-se bastante fortes. Mas, no momento seguinte, houve um alvoroço para abandonar o barco que afundava e parecia incapaz de tomar um novo curso, afastando-se das práticas imperiais. O império soviético desmoronou no contexto de (e por causa de) uma tentativa fracassada, por parte de seus altos dirigentes, no sentido de transformar a URSS em um Estado e sistema multinacional mais “moderno”, de “estilo ocidental”, “civilizado”. Essa tentativa envolvia uma reforma econômica e, finalmente, a criação de uma economia de mercado (...)

As proporções continentais russas, a troca de governos, a influência de governos europeus no território e aristocracia russa historicamente culminaram em choques entre a cultura russa e a cultura europeia (ocidental) e asiática (FIGUES, 2017, p. 14-15), e, no século XX, com o “american way of life”. E esse choque, em um país com senso exacerbado de nacionalismo, muitas vezes perdido em meio a uma confusão de influências culturais moldou a Rússia que conhecemos hoje, sendo marcante inclusive para conflitos que permanecem acesos até os dias de Hoje, como veremos no tópico a seguir.

2. Choque de culturas: guerra fria

As recentes tensões entre os russos e os americanos têm um histórico muito conhecido e complexo. Isso se dá, principalmente pela divergência de ideologias: os americanos e seu capitalismo, e a Rússia, saída recentemente (final do século XX) de

um forte regime socialista, que por natureza é diametralmente oposto ao capitalismo. O embate entre duas das nações mais poderosas do mundo é inevitável.

A guerra fria representou a exteriorização desse conflito ideológico: duas grandes potências, compostas por ideais distintos disputando a soberania científica sobre o espaço sideral, como bem colocam DE MELO e WINTER (2007, p. 37 e 38)

Logo após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos da América surgiram como maior potência do planeta e a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, URSS, como sua rival. A disputa política, diplomática e militar entre ambos, chamada de guerra fria impulsionou o desenvolvimento científico e tecnológico de maneira jamais vista. Rapidamente, essa corrida generalizou-se para outras áreas, inclusive na exploração do espaço. Como vimos no capítulo anterior, o Sputnik foi o marco da exploração do espaço pelo homem e o primeiro de uma família de 10 satélites. Por outro lado, seu lançamento também foi o episódio inicial de uma incrível competição por méritos e descobertas relativas ao espaço travada pela União Soviética e os Estados Unidos ao longo de mais de três décadas.

Como sabemos, ambas as nações saíram de certa forma ilesas do conflito. Acordos foram firmados, e uma “paz” foi instaurada, sendo que o saldo da “guerra” foi um salto científico enorme para ambos os países, o que, teve consequências positivas até para outras nações do globo. O que nos interessa abordar aqui sobre esse período, é o conflito ideológico, o embate de modos de vida, o que talvez seja o motivo pelo qual o relacionamento entre EUA e Rússia nunca tenha sido mais amigável que a “paz armada” que reina até hoje.

A guerra fria foi caracterizada, dentre outras particularidades, pelo grande poderio militar que as nações envolvidas possuíam, e portanto, uma grande tensão se instalou a nível global. Com ideias tão diferentes de como o mundo deveria ser regido, EUA e Rússia tratavam uma disputa pelo domínio da ordem global, e, dando o tom do conflito, ambos possuíam o mesmo argumento e arma: a tecnologia nuclear engatilhada, pronta e operante, o que exigia cautela de ambos (LOPES, AZEVEDO e CAMPOS, 2017, p. 240).

A intensidade do conflito foi tamanha, que as consequências do pós Guerra são sentidas até os dias de hoje, como versa KISSINGER (in LOPES, AZEVEDO e CAMPOS, 2017, p.235)

(...) a estratégia de contenção do imediato pós-guerra foi falha e presenteou à União Soviética o tempo necessário para reorganizar suas forças. Em seu argumento, a falha se deu, primeiramente, pela crença excessiva dos EUA na eficácia do balanço de poder europeu; em segundo lugar, pela falta de percepção de que as armas nucleares davam aos EUA uma grande vantagem em relação aos soviéticos e, em terceiro lugar, pela incapacidade de entender que a mera contenção não poderia combater efetivamente a ideologia comunista, que transformava a luta entre países em uma luta entre filosofias e modos de vida, inclusive de forma interna aos países ocidentais.

O conflito mostrou de forma bem clara que não se combate ideologias com armas. Os EUA encontraram um inimigo à altura, que não havia chegado ao mesmo patamar bélico pelo mesmo caminho, com a mesma política interna. Uma das únicas coisas que os dois países tinham em comum era o forte senso de nacionalismo e soberania nacional, que será melhor abordado no último tópico. E conforme será visto, talvez essa seja a pior coisa a se ter em comum com seu inimigo: a diplomacia como ponto fraco.

3 Crise dos mísseis em Cuba, Putin, Trump: como o passado refletiu no presente

Em plena guerra fria, no ano de 1962, a Rússia secretamente instalou 42 mísseis apontados para o território norte-americano em Cuba, levando o mundo a especular se não se aproximava uma terceira guerra mundial. Em resposta, os EUA instalaram mísseis na Turquia, mirando o território soviético. No final das contas, a questão toda foi resolvida por meio de acordos como coloca MARTINEZ (2017, p.323) "Na prática, a Crise dos Mísseis foi resolvida por meio de negociações diplomáticas entre os Estados Unidos e a União Soviética, nas quais os mísseis seriam retirados da Ilha em troca da retirada dos mísseis na Turquia."

Porém, conflito velado protagonizado entre os americanos e os russos parece se estender, em doses um pouco mais homeopáticas, até os dias de hoje. Desconfiança de ambos os lados e muitas críticas dão o tom da relação entre os dois países, conforme podemos ver no texto de Mazat e Serrano (2012, p.21)

Mas a maior preocupação dos russos em termos de segurança provém da atuação da OTAN no ex-bloco soviético. Assim, a Rússia se opôs vigorosamente em 2007 ao projeto de escudo antimíssil que os norte-americanos queriam instalar na Europa Central (Polônia, República Tcheca), por meio da OTAN. Esse escudo antimíssil deveria supostamente proteger os membros europeus da OTAN contra a ameaça iraniana. (...) O presidente Putin não foi convencido por esses argumentos e afirmou que isso constituía uma verdadeira provocação, intolerável para a Rússia. Ele "disse que a política americana na Europa, e especificamente as suas propostas sobre instalação de mísseis, é semelhante à da crise dos mísseis de Cuba.

Nenhum dos dois países parece dar o braço a torcer com o intuito de tranquilizar o resto do mundo, assim como foi durante a crise dos mísseis. E então, mais uma vez, o mundo se vê frente a rumores de uma terceira guerra mundial, com a nova postura dos norte-americanos com relação a armas nucleares. Donald Trump abandonou o INF (Tratado sobre Armas Nucleares de Alcance Intermediário), tratado firmado durante a guerra fria, que baniu mísseis nucleares e convencionais de médio alcance. E é claro, o chefe de estado russo respondeu à altura.

De acordo com o jornal o globo, em reportagem recente (05\09\19) o presidente Russo, frente a saída dos EUA do tratado, afirmou que seu país voltará a produzir armamento nuclear, e, se os americanos colocarem suas armas em modo operante, a Rússia também o fará com suas próprias armas. Ainda de acordo com o jornal, existe a possibilidade de um novo tratado ser quebrado: o Tratado do Espaço Sideral (datado de 1967), que veda a utilização de tecnologia aeroespacial (especificamente as plataformas de lançamento) para fins de potencialização de armamento de destruição em massa. O acordo porém, não proíbe a utilização da tecnologia para fins de defesa.

Ora, quanto a reação do governo russo, não seria de se esperar menos de uma potência militar como o antigo país soviético. O acirramento da tensão entre as duas potências representa o perigo que uma decisão como a que tomou Trump representa para a comunidade internacional. Isso porque, não se trata de nações vizinhas e de proporções diminutas. Trata-se de dois dos maiores países em extensão territorial do globo, além das duas maiores potências militares, de acordo com uma reportagem de 2018. Um conflito entre as duas nações certamente

causaria uma grande destruição a tudo o que ficasse no caminho: aliados, inimigos, todos estariam na linha de fogo.

Já com relação a utilização de tecnologia aeroespacial para lançamento de artifícios de defesa, trata-se de uma questão delicada: não têm as armas nucleares produzidas e colocadas em operação pelos mais diversos países (alguns não podendo, desrespeitando o Acordo de Não Proliferação Nuclear) a prerrogativa de se tratar de direito a defesa de seu território? Até onde essa “brecha” no tratado representa um risco à humanidade?

A limitação do artigo não nos permite aprofundar muito no tema. Mas é certo que qualquer armamento teria seu potencial de dano aumentado consideravelmente se posicionado na órbita da terra. Armas antissatélite já são, aparentemente, uma realidade, o próximo passo poderia ser a destruição voltada para alvos terráqueos.

Como na guerra fria, a disputa entre os dois países poderia levar a uma nova corrida espacial, um novo teste de forças. E, se o resultado fosse o aprimoramento de tecnologias e adquirir mais conhecimento sobre o que nos cerca no espaço, o saldo seria extremamente positivo. Porém, frente a um contexto diferente, o resultado dessa disputa é imprevisível: uma forte onda de nacionalismo pode destemperar a equação de um conflito equilibrado entre nações de um mundo globalizado, conforme veremos no tópico a seguir.

4 Onda de conservadorismo: as relações diplomáticas são prejudicadas pelo senso de soberania nacional?

A administração de Donald Trump tem mostrado um lado combativo ao deixar tratados importantes como o INF, conforme já citado aqui. De acordo com o jornal O Globo, o presidente norte americano em suas declarações justificou a saída alegando que a Rússia estava violando reiteradamente os termos do tratado ao longo dos anos.

Coincidência ou não, Trump usou a mesma justificativa para sair do acordo firmado com o Irã em 2015 (durante a administração do democrata Obama). Fato é que Trump não aceita correr nenhum risco quando o assunto é a soberania de seu país e seu desenvolvimento econômico e militar, não importando se as suas escolhas levarão por água abaixo o trabalho de anos de diplomacia.

O capitalismo é uma realidade no mundo ocidental. Posicionamentos como o do presidente norte americano são cada vez mais comuns por aqui, vide o nosso atual presidente Jair Bolsonaro e sua política de tolerância (quase) zero a influência da comunidade internacional em solo brasileiro. Portanto, nos parece oportuno, neste ponto, apresentar o ponto de vista russo, antiga nação soviética, e a sua ideia de soberania nacional a fim de entender melhor o conflito. DA COSTA (2015) faz uma acertada síntese do complexo período entre a queda da união soviética e os dias atuais:

(...)o desafio de transitar de um regime centralizador e autoritário para um liberal-democrático e que fosse capaz, ao mesmo tempo, de impulsionar a mudança do antigo sistema socialista para uma economia de mercado, isto é, capitalista. Após dois séculos e meio, estava em curso mais uma tentativa de *ocidentalização ou europeização* da velha Rússia que impactaria não apenas o universo da cultura e da burocracia como ocorreu durante sua afirmação como potência imperial, mas agora em um sentido mais abrangente e profundo, isto é, ideológico e político. (...) a URSS procura a todo o custo

superar seu atraso em relação ao Ocidente capitalista, notadamente no que se refere à precariedade da sua agricultura e às insuficiências nos estágios mais avançados da estrutura industrial, além do fato de que esse esforço de superação era claramente impulsionado pelo seu objetivo estratégico mais importante, isto é, de tornar-se rapidamente uma Superpotência capaz de rivalizar com as potências ocidentais e destacadamente os EUA.

Frente a uma inevitável ocidentalização, a Rússia tenta permanecer com seus ideais intactos, procurando os conciliar com seu desenvolvimento econômico e social, o que pode ser complicado, frente a forte oposição dos países ocidentais. Apesar disso, uma forte doutrina parece ganhar espaço novamente no território russo: o Eurasianismo.

Aleksandr Dugin um famoso cientista político russo (conselheiro de Putin) defensor da escola eurásiana representa bem o nacionalismo russo (DE SOUSA, 2012, p. 66-68)

Assim como o célebre geopolítico norte-americano Zbigniew Brzezinski, Dugin acredita que o centro do mundo é a Eurásia e, por isso, a Rússia tem que ser o centro da Eurásia (...) As ideias de Dugin são essencialmente antiocidentais. Segundo ele, a globalização pretende universalizar o pensamento ocidental, representando a unificação de diferentes estruturas sociais, políticas, econômicas, étnicas, religiosas e nacionais em um só sistema (...) O Neo-eurasianismo, como também é conhecida a Escola Eurasianista, nega o sistema da globalização e o universalismo do Atlantismo, protegendo, segundo o pensador russo, a diversidade de valores estruturais existentes no mundo. Geopoliticamente, o neo-eurasianismo advoga a ideia de um mundo multipolar e rejeita o universalismo dos valores democráticos e do liberalismo econômico (...) O projeto de Dugin visa fortalecer o poder da Rússia na Eurásia, a partir de uma postura cultural e geopolítica distinta do Ocidente. Esse projeto ganha força a partir dos governos Putin e Medvedev Dugin é categórico ao afirmar que a Rússia está de volta ao jogo internacional e deseja reencontrar-se com seus grandes momentos de glória.

Fica claro que o forte senso de nacionalismo de ambas as nações não dá muito espaço para soluções diplomáticas. A disputa de forças parece a única solução encontrada, com ameaças sendo feitas a todo momento por ambos os lados. A via equilibrada e respeitosa das negociações típicas de soluções diplomáticas parece ter ficado perdida no caminho até aqui, e o mundo mais uma vez assiste atônito o nascimento de um possível conflito nuclear.

A comunidade internacional tem feito tentativas de solucionar a questão com acordos e tratados, mas, como já exposto, nenhum dos dois líderes aceita de bom grado a interferência de organismos internacionais no conflito. Felizmente, na última reunião do G7 o presidente norte-americano concordou em incluir a Rússia no grupo dos países com as maiores economias do planeta. Porém, ainda é cedo para afirmar se a iniciativa trará soluções para o conflito histórico, ou mesmo trazer paz aos outros países.

Considerações finais

A relação entre os russos e os americanos é, sem dúvidas, um campo minado. Atualmente os chefes de estado dos países em questão têm adotado uma postura anti-diplomática, optando pela troca de farpas e tomando muitas vezes decisões irresponsáveis, o que certamente representa um risco aos envolvidos, e a todas as

outras nações, tendo em vista a magnitude que teria um conflito físico entre Rússia e EUA, as duas maiores potências militares do globo.

A busca pela proteção de seu próprio território muitas vezes se confunde com um nacionalismo exacerbado, que não cabe em um mundo no qual a realidade é a globalização, a relação pacífica e benéfica entre países em prol do desenvolvimento conjunto. E muitas vezes a comunidade internacional se vê de mãos atadas, principalmente frente ao fato de que nenhuma das duas nações parece concordar com a gestão diplomática dos conflitos.

O respeito a ordem internacional fica de lado quando o conflito diz respeito à soberania das nações. E quando isso acontece, o diálogo racional e sensato não é a via adotada para resolver desavenças. Resta aos outros países “torcer” para que essa rivalidade não os leve as vias de fato, que certamente teriam consequências desastrosas para todos.

Referências

- BBC News. A relação entre EUA e Irã em 10 capítulos. **G1**. [s.l.], 13 ago. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/13/a-relacao-entre-eua-e-ira-em-10-capitulos.ghtml>>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- COSTA, Wanderley Messias da. O reerguimento da Rússia, os EUA/OTAN e a crise da Ucrânia: a Geopolítica da nova Ordem Mundial. **Confins: Revista Franco Brasileira de Geografia**, [S.l.], v. 25, 2015. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/10551>>. Acesso em: 15 set. 2019.
- FIGES, Orlando. **Uma História Cultural da Rússia**. Tradução: Maria Beatriz De Medina. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- FERNANDES, Cláudio. Revolução Russa (1917). **Brasil Escola- UOL**, [S. l.], [2--?]. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/revolucao-russa.htm>>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- LOPES, Sergio Roberto Gouvêa; AZEVEDO, Beatriz Marcondes; CAMPOS, Fred Leite Siqueira. Neo-Eurasianismo, geopolítica e a política externa dos EUA à URSS durante a guerra fria. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, Niterói, v. 4, n. 1, p.229-251, jan.\jun. 2017. Disponível em: <<https://rbed.abedef.org/rbed/article/view/72786/42047>>. Acesso em: 21 ago. 2019.
- MARIN, Denise Chrispim. EUA e França concordam com volta da Rússia ao G7. **Veja**. [s.l.], p. 1-2. 26 ago. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/eua-e-franca-concordam-com-volta-da-russia-ao-g7/>>. Acesso em: 30 ago. 2019.
- MARTINEZ, Alfredo Juan Guevara. Da Revolução Cubana à Era Obama: das tensões à normalização. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 24, n. 38, p. 315-338, dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2017v24n38p315/37485>>. Acesso em: 21 ago. 2019.
- MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. A geopolítica das relações entre a Federação Russa e os EUA: da “cooperação” ao conflito. **Revista Oikos**, Niterói, v. 11, n. 1, p. 5-35, 2012. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/327729857_A_geopolitica_das_relacoes_entre_a_Federacao_Russa_e_os_EUA_da_cooperacao_ao_conflito_1>. Acesso em: 20 ago. 2019.

- MELO, Cristiano Florilo de; WINTER, Othon Cabo. A era espacial. In: WINTER, Othon Cabo; PRADO, Antonio Fernando Bertachini de Almeida (org.). **A Conquista do Espaço**: do Sputnik à Missão Centenário. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2007. Disponível em: <http://www.cdcc.usp.br/cda/oba/aeb/a-conquista-do-espaco/Capitulo-2.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2019. p.37-74.
- SOUSA, Danilo Rogerio de. A Nova Geopolítica Russa e o Eurasianismo. **Revista de Geopolítica**, Natal, v. 3, n. 2, p.61-70, jul/dez. 2012. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/49/48>>. Acesso em: 02 set. 2019.
- SOUSA, Rainer Gonçalves. Fim da União Soviética. **Brasil Escola**, [S.l.]. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/urss.htm>>. Acesso em 22 de setembro de 2019 >. Acesso em: 19 ago. 2019.
- SUNY, Ronald Grigor. Ascensão e queda da União Soviética: o império de nações. Tradução de André Villalobos. **Lua Nova**, São Paulo, v. 75, p.77-98, jan. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n75/05.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- Estas são as maiores potências militares do planeta em 2018. **Exame**. São Paulo. 24 ago. 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/estas-sao-as-maiores-potencias-militares-do-planeta-em-2018/>>. Acesso em: 07 set. 2019.
- O misterioso satélite russo com comportamento 'anormal' que gera preocupação nos EUA. **BBC**. [s.l], p. 1-2. 16 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-45209527>>. Acesso em: 04 set. 2019.
- Putin diz que Rússia vai produzir novos mísseis nucleares antes proibidos por tratado com os EUA. **O Globo**. São Paulo, 05 set. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/putin-diz-que-russia-vai-produzir-novos-misseis-nucleares-antes-proibidos-por-tratado-com-os-eua-23929766>>. Acesso em: 06 set. 2019.
- RESUMO – História: Revolução Russa. **Guia do Estudante**, [S. l.], 12 jun. 2017. Disponível em:< <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/revolucao-russa-1917/>>. Acesso em: 19 ago. 2019.
- Trump deixa tratado nuclear com Rússia mirando poderio da China. **O Globo**. São Paulo, 21 out. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/trump-deixa-tratado-nuclear-com-russia-mirando-poderio-da-china-23174159>>. Acesso em: 06 set. 2019.